

Conto - Mais Profundo que a morte

Era manhã clara de um dia perfeito para apreciar um bom churrasco, todos se esforçavam para alegrar Nicolas que por sua vez estava abatido. Não era para menos afinal estava recuperando-se de um choque, uma sensação única e dolorosa, angustiosa, que corroía aos poucos sua já frágil alma perturbada. Lembranças tão tenebrosas que apenas quem viveu o mesmo poderia imaginar, agravada pela perda de dois amigos de infância, daquelas amizades gostosas e cúmplices, do tipo que nunca pensou em separar ou esquecer realmente é drástico. Se isso não fosse o bastante, ainda havia as lembranças de zombarias, as risadas que o faziam tremer das criaturas que o deixaram no atual estado. Toda vez que fechava os olhos lembrava, desesperava e lutava para nunca mais dormir.

Sentado perto da churrasqueira, com olhos abatidos apreciava seu sobrinho, que como toda criança com calor e piscina, se divertia como se fosse morrer no dia seguinte. O Sol se exibia no céu tão ferozmente que todos que estavam a sombra suavam e derretiam, fazendo da área do churrasco uma grande sauna ao ar livre. E nosso rapaz sentado, enquanto o suor brotava de sua testa e de todo seu corpo, ali parado parecia não incomodar.

Todos, sem exceção, tentavam fazer o rapaz se animar, mas nada parecia adiantar, nem as piadas bizarras de cunho sexual que seu tio insistia contar em voz alta.. Achá-lo não era difícil. Encontrava-se sentado olhando para o infinito faziam horas, no mesmo lugar sem quase mover, apenas respondia com uma voz sem vida as perguntas que hora outrora era lançado sobre ele, um verdadeiro morto ainda em vida. O dia correu ensolarado e quente, como é típico do noroeste Paulista. À tarde despontavam nuvens no horizonte carregadas, o preceder uma tempestade de verão, o céu veio pintando na cor negra rapidamente, era uma dessas tempestades que despertam um mau sinal, ou como diria os antigos um “mau-agouro”.

Nicolas começa a se agitar sem saber o motivo. Começou a salivar e seu coração a disparar, parecia que sabia o que estava vindo. Ao fitar o horizonte observou as nuvens carregadas ficarem mais densas e tomarem formas, em sua face moldou-se uma imagem de horror. O tempo sofre uma brutal pausa. Tudo ao redor de Nicolas fica cinza escuro. Desesperado e agitado seu coração pulsa ferozmente e suas veias queimam, sentindo o mais terrível medo que se possa imaginar. Tenta levantar, mas não consegue. Esquece que sua coluna já não tem utilidade, caído ao chão se agarra a sua vida medíocre como um porco mais esperto no dia do abate, tenta fugir desesperadamente para um lugar. Sua mente solta agulhas afiadas de perguntas “Pra onde ir... onde...ondeee?”, “Para onde correr?”, gritava intensamente dentro de sua cabeça esperando que alguma imagem santa o informasse, pois ele mesmo não tinha a menor ideia de onde ir e como chegar. Olha para o céu desesperado e tudo que vê é imagens demoníacas cavalgando as nuvens como míticos cavaleiros do apocalipse. Num ato digno de piedade, tenta pedir ajuda, mas nada sai de sua boca, nota então que perdeu a fala e emite apenas sons guturais irreconhecíveis, mas ninguém responde.

Pessoas imóveis olhando as nuvens não percebem, ou melhor, não enxergam o que ocorre. Sem saída ele começa a rogar a Deus arrependendo-se muito amargamente daquele maldito ato que o tornou assim: “Não pode ser verdade, porque fiz aquilo?”, gritava sem sua cabeça repreendendo-se, lágrimas escorrem pelos seus olhos. Rasteja rapidamente em direção a irmã, esta que sempre o acobertava de toda travessura que ele fazia. Como aquela de 10 anos atrás em que pegou o carro de seu pai para dar uma volta com os amigos e aquela garota infeliz que ela finge não saber, a irmã preocupada que limpava toda sujeira do irmão está imóvel olhando para o céu. Ele pega no tornozelo de sua irmã, ela não se move. Ele começa a puxar com mais força já chorando. O rosto de sua irmã gira 360 graus e olha fixamente para o pedaço de gente que se arrasta no chão e diz em uma voz grossa, parecia que saía do fundo de um poço agourento e podre, dizia:

- “Este é o preço que pagarás, sua dívida será cobrada, não adianta rezar ou pedir perdão, o contrato teve mais uma parcela vencida, eis agora mais um novo mundo para você, Nobre Intocável.”

Todos voltam à consciência e percebem Nicolas ajoelhado de quatro perto da piscina com o rosto dentro da água. Os olhos arrancados bóiam, e a água se tingiu de vermelho fundindo-se ao sangue que saiu da boca e das cavidades dos olhos do infeliz. A cena é inacreditável para todos os presentes, não sabem o que aconteceu. Sua irmã grita desesperadamente tirando todos os outros que poderiam ainda estar em transe, o garoto fugiu da água como se estivesse fervendo: - “Sangue, SANGUE, SANGUEEEE” gritou apavorado.

Algumas horas se passaram. Dias, perito criminal de plantão está perto da churrasqueira observando o requinte da mesma pensando porque ele não ganhava bem o suficiente para ter uma igual. Voltava-se então para sua obrigação, o trabalho. Voltou seus olhos para a piscina vermelha e para o cadáver que é retirado pelos legistas perguntando para si mesmo “o que mais vou ter amanhã?”. Fotografou todos os detalhes. A cadeira de rodas de Nicolas, o caminho de sangue, que ele deduziu: “Aqui no começo foi onde ele teve seus olhos arrancados. O corpo foi arrastado com o rosto junto ao chão. A cara esfolada e os ossos da face quebrados.... eu que não quero brigar com quem fez isso”. Perdido em seus pensamentos é atingido por uma voz grave:

- O que acha Dias?

- Acho que é mais um caso estranho antes da minha aposentadoria Silva, - investigador encarregado do caso - não tenho mais idade para este tipo de coisa, afinal dentro de 3 semanas isto tudo será um grande pesadelo ruim que tive ao longo dos meus 25 anos de serviço.

- Que isto, olha o desânimo Dias. Tenha mais respeito é um presunto humano que tiramos da piscina. - Parando para dar uma mordida no lanche e prosseguindo de boca cheia: - Parece que você perdeu o respeito pela vida dos outros e apenas pensa na sua - parou para engolir - o rapaz teve os olhos arrancados. Que mundo maluco vivemos não?.

- É só mais um caso estranho como o do Julio, Matheus e o Clayton. - respondeu pausadamente e sem interesse.

- Meu deus como é bom...
- Olha só para quem estava me dando uma lição de moral até o momento.
- Não, não... Estou falando deste lanche, aquele trailer na praça central faz um lanche maravilhoso.

Não querendo mais perder seu tempo, Dias termina seu trabalho que resume-se em fotografar detalhadamente todo o recinto, cada minucioso detalhe e depois fazer um relatório para uma investigação que não vai acontecer, afinal, pelo salário miserável que pagam aos policiais hoje em dia, a sociedade devia rezar para estes homens armados não cruzarem a tênue linha de seda que separa um policial honesto do bandido.

Três semanas se passaram desde o ocorrido com Nicolas. As famílias pediam explicação para o inexplicável. A polícia civil não se pronuncia, afinal estavam de greve numa tentativa de melhorar a vida da classe trabalhadora, esta que ninguém dá valor.

Dias com seus cabelos brancos está limpando sua mesa, seus relatórios incompletos e inconclusivos vão para pasta de arquivo "Não darei 3 semanas para que ninguém mais os ache, perdidos no sistema", resmunga para si mesmo e dando uma pequena risadinha de deboche. Desvia do barulho que está na recepção, vai para seu carro popular parado a frente da delegacia. Quando entra já sente o peso das responsabilidades de policial o deixando. A partir daquele momento ele não era mais um perito criminal, era apenas um policial aposentado sem nada mais ter que intervir. Gira a chave do motor e sai como sempre, sem ninguém perceber quando ele chega ou sai.

Liga o som do seu carro. Começa um clássico dos anos 80. A noite estava fria fazendo seus ossos doerem. Vira para direita pega a vicinal e segue até seu sítiozinho que comprou há dez anos a 17 km da cidade. Era seu refúgio da loucura do mundo, seu pequeno aconchego. Estaciona o carro em sua garagem, caminha lentamente para entrada um degrau de cada vez, com a paciência de quem aproveita cada momento de sua nova aposentadoria, sua vida sem mais preocupações, o céu estrelado e o canto do grilo são testemunhas. Ao entrar já começa a dizer em voz alta:

- Querida cheguei.
- Onde você estava? Demorou demais papai.
- Não se preocupe minha filha. Agora papai não tem mais responsabilidade nenhuma. É todo seu agora.
- Que bom, que bom papai! Porque a gente não vai brincar?
- Não precisamos mais brincar, minha filha. Está tudo terminado, porque não canta para seu pai?

- Tá eu canto...

Dias levemente caminha para sua poltrona. O cheiro insuportável que emana da casa não é problema para ele, já estava acostumado. Vivia ali sozinho, ele e sua inseparável filha que não pode mais sair da cadeira. Ouvindo sua filha cantar ele acompanha a musica, uma musica que a mãe de Dias cantava antes dele dormir. Que ele cantou para sua filha antes dela dormir.

Sua filha para de cantar olhando para ele com aquele rosto... bem se é que podemos chamar de rosto aquilo...

- Papai, e agora o que vai acontecer?

- Não se preocupe, Marcela. Está tudo terminado, nossos amigos fizeram o trabalho deles e agora vou me juntar a você.

- Que bom papai. Então porque não vem logo? Estou cansada de brincar sozinha com Nicolas, Julio, Clayton e Matheus. Falando nisto, Nicolas é tão divertido papai – diz toda animada como uma criança que acaba de ganhar um brinquedo novo e ainda se diverte aos montes.

- Porque não? - abre um sorriso gostoso. Não seja egoísta e deixe um pouco para todos brincarem, afinal, é este nosso acordo não é?

- Tá bom papai – diz com tom emburrado.

- Sempre mimada hein? - sorrindo.

Dias retira sua arma, uma pistola calibre 380, olha bem para a casa como sinal de despedida. Seu livro de magia negra, aberto sobre a mesa central da sala; na parede jornais datados de anos atrás sobre uma garotinha de 11 anos estuprada e morta; do lado uma noticia de jornal sobre uma mulher que se matou por não suportar a morte da filha. Sinais não reconhecidos por toda parte. Na cadeira de sua filha está apenas os ossos de marcela que a muito tempo foi comido pelos vermes. Ele engatilha a arma e lentamente põe o cano na boca, sentindo o gosto e cheiro do óleo que usa para limpar a arma. Sente o dedo no gatilho, gelado e assassino. Aos pouquinhos vai puxando, como se não tivesse pressa até o derradeiro momento que se ouve o estampido. Ele ainda consegue sentir o gosto do chumbo atravessando o céu de sua boca indo em direção ao cérebro. Nuvens negras aparecem em cima do livro aberto. Sob a mesa um portal se abre e sons de agonia penetram em toda a casa, dentro do portal sua filha o aguardava com a mão estendida chamando a alma penada de seu pai que lentamente sai do corpo caminhando para o portal. Esse intervalo de tempo nos permite uma breve olhada, e tudo que vemos é uma pequena sala, na verdade é mais um calabouço. Os 4 rapazes lá estão: um preso sob a pedra com as vísceras de fora, outro pendurado pelo braço e sua cabeça no chão (detalhe que ele ainda pedia perdão), outro apenas derretido dentro de um caldeirão e Nicolas, esse sim era a nova aquisição, estava empalado pelo anus gritando como uma menina. Pedacos da epiderme retirada agonizando e chorando. E Marcela com um sorriso. Numa

mão deixava o pai a segurar e na outra empunhava um cutelo, agora sim ela poderia ser feliz. Vira-se para seu pai e diz:

– Obrigada papai.

Ajuda

Sarah Menoya

Karina

Kkau

Akemy Hayashi